



Herder à luz de Kant, Kant à luz de Herder: sobre o conceito de força na querela do panteísmo

palavras-chave: filosofia clássica alemã, filosofia da natureza, forças orgânicas

Autor: Saulo Gabriel Luiz Dias

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa de iniciação científica, nos propomos a estudar o conceito de *força* de Johann Gottfried Herder a partir de duas obras: *Ideias para uma filosofia da história da humanidade* (1784) e *Deus. Algumas conversas* (1787). Na primeira obra, o conceito aparece sob a qualificação de forças *orgânicas* e na segunda, forças *substanciais*. Para que pudéssemos investigar se se tratava de um mesmo conceito ou de uma reformulação, tomamos um fio condutor duplo; em primeiro lugar, o contexto de publicação de ambos os livros — a *querela do panteísmo* —, e, em segundo, as críticas ao uso desse conceito feitas por um outro importante filósofo alemão do período e certamente mais célebre, Immanuel Kant.

Em resumo, a contribuição de Herder à controvérsia teria sido a defesa da filosofia de Espinosa em relação às acusações de ateísmo, fatalismo ou inimigo da religião (John Rogerson, 1987, p. 35), por meio de uma interpretação bastante particular daquela a partir do conceito de força que teria, em última instância, “levado a cabo a dinamização do monismo substancial de Espinosa” (Marion Heinz, 2004), produzindo, com isso, uma nova compreensão da natureza conhecida como “panteísmo vitalista” (Beiser, 1987, cap. 4).

METODOLOGIA

Os materiais e o método empregados para a realização desta pesquisa consistiram na leitura, análise e reconstrução argumentativa, a partir dos originais em alemão, do prefácio a primeira parte de *Ideias para uma filosofia da história da humanidade* (1784), assim como do prefácio e das cinco conversas de *Deus. Algumas conversas* (1787). Paralelo a isso, após um levantamento bibliográfico da literatura de comentário a respeito do assunto e o seu estudo, elegemos os seguintes livros como centrais: *Herder und die klassische deutsche Philosophie* (2016), organizado por Dieter Hüning, Gideon Stiening e Violetta Stolz; *Johann Gottfried Herder (1744-1803). Studien zum achtzehnten Jahrhundert* (1987), organizado por Gerhard

Sauder, Herder und die Philosophie des deutschen Idealismus (1997), organizado por Marion Heinz, e *The Fate of Reason: German Philosophy from Kant to Fichte* (1987), de Frederick C. Beiser, e os artigos de I. C. Fragelli. Posto que tanto a bibliografia primária, quanto a de comentário sobre o tema encontrava-se majoritariamente em alemão, as citações empregadas foram traduzidas por nós, deixando sempre o original em notas de rodapé, para que o leitor pudesse confrontar ambas as versões. Além disso, foi de suma importância a discussão no grupo de pesquisa organizado pela orientadora sobre os resultados que encontramos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira parte das *Ideias para uma filosofia da história da humanidade* leva o título de filosofia da natureza (Naturphilosophie), a qual, segundo Herder, deve se iniciar com o “céu”. Isso significa determinar o lugar cosmológico da Terra, uma vez que ela se encontra num determinado sistema solar, logo, sob a influência de outros corpos celestes, e a sua formação geológica a partir dos materiais e dos impactos recebidos por eles.

Herder afirma que, de saída, tudo na Terra ainda dará a impressão de ser apenas um amontoado caótico de minerais e seres vivos, até que se tenha uma visão do conjunto de toda natureza (I, 2, I). Após discutir o lugar cosmológico da Terra e a sua formação geológica (I, 1, 1-7), é a hora de tratar dos seres vivos que a compõem (I, 2, 1-4). Todo e qualquer ser vivo apresenta uma determinada formação (Bildung) e uma determinada forma (Gestalt), nas quais se baseiam todas as suas características e atividades (I, 2, 1). A constituição fisiológica de um pássaro, por exemplo, o permite voar e ocupar o ambiente aéreo, a qual é, por sua vez, diferente da de um peixe que vive num ambiente aquático. Qualquer um que observe a natureza logo se dará conta de que a constituição das plantas, dos animais e dos seres humanos apresentam semelhanças entre si: “as nossas fases da vida são as fases da vida das plantas: nós nascemos, crescemos, florescemos, fenecemos e morremos” (I, 2, 2, p. 59).

Contudo, salta também aos olhos de qualquer observador da natureza que as semelhanças entre os animais e os seres humanos são maiores do que aquelas entre si e as plantas quanto à sua estrutura óssea, membros, sentidos e capacidades, e mesmo entre aqueles que aparentam não ter nada em comum com estes, Herder apresenta a ressalva de que a forma (Gestalt) externa pode estar na verdade ocultando muitas semelhanças internas. A relação entre um ser vivo e o ambiente para o qual foi formado não é estática, mas dinâmica e dialética: qualquer alteração contínua no ambiente provocará, ao longo do tempo, uma alteração na constituição da espécie, e qualquer ação reiterada da parte da espécie sobre o ambiente o alterará. Portanto, há uma reciprocidade na ação de um sobre o outro. Se

estivermos em posse daquela visão de conjunto da natureza que Herder afirmar ser necessária para que possamos compreendê-la, será então possível afirmar que todos os seres apresentam alguma semelhança entre si em diferentes graus, senão externa, ao menos interna; e mesmo onde há uma dessemelhança, isso se deve na verdade a uma evolução gradual e adaptativa em relação ao ambiente e às suas atividades.

Qualquer investigação sobre a história da humanidade não pode ignorar o fato de que ela surgiu em meio a outros animais contra os quais teve de lutar pela dominância sobre um território; também não pode ignorar o fato de que os animais são os ancestrais do ser humano e por essa razão apresentam semelhanças um com o outro, a partir das quais se pode chegar a uma melhor compreensão do próprio ser humano.

Portanto, é possível apreender a partir dessas considerações que Herder está propondo um certo método para a redação de uma “história natural e filosófica da humanidade” que se baseia, primeiramente, como expomos, na comparação da anatomia interna e externa de diferentes seres e em analogias estabelecidas entre elas, com o objetivo compreender a sua “constituição interna e externa” em relação com o ambiente em que se encontra:

Por meio da anatomia comparada, o ser humano obteria um fio condutor para que entendesse a si mesmo em meio à diversidade quase infinita de seres vivos que fazem parte da natureza. Para se entender o funcionamento de uma estrutura como a do olho, por exemplo, antes que possamos chegar à conclusão de que se trata de fato de um olho, temos de compará-la a estruturas semelhantes presentes em outros animais. Em seguida, analisar as condições concretas sob as quais ela foi forjada e para que função. Feito isso, é então o momento de compreendermos a sua anatomia interna e seremos capazes de fazê-lo, porquanto sabemos que ela deve servir ao cumprimento daquele propósito sob aquelas condições. “Meu olho é formado para o raio de sol sob esta distância em relação ao Sol e nenhuma outra, meu ouvido, para esse ar, meu corpo, para essa superfície terrestre, todos os meus sentidos a partir e para essa organização terrestre (...)” (I, 1, 2, p. 23-24) .

Certamente, como observa Irmscher (1997, p. 23), o objetivo do método proposto por Herder para a escrita de uma história filosófica da humanidade não se limita a uma mera descrição da natureza, mas é antes uma alternativa ao método meramente classificatório legado por Lineu de que se serviam os naturalistas contemporâneos de Herder. Segundo Irmscher, “o que Herder tem em mente, ao invés disso, é um método que individualiza (individualisierenden) e tenta compreender os fenômenos históricos como um produto (Gebilde) sui generis das condições concretas do seu ambiente (Umwelt)” (Ibid., p. 24); ele

não se baseia na mera análise de “relações causais lineares (linearen Kausalverhältnisses)”, mas na “análise de forças históricas”, o que permite “observar cada fenômeno histórico como produto de um complexo nexos causal (Wirkungszusammenhanges) entre diferentes fatores” (Ibid., p. 26).

CONCLUSÃO

Até onde pudemos investigar, constatamos que, da parte de Herder, não houve uma reformulação significativa do conceito de *forças* entre um livro e outro, apesar da alteração da qualificação e das críticas de Kant. Isso porque, segundo nossa conclusão, Herder reconhecia a crítica principal de Kant — as forças não são observáveis e não podem ser comprovadas pela experiência —, mas isso não impedia que sua existência tivesse ainda assim de ser admitida. É isso o que tentaremos demonstrar a seguir nos resultados deste relatório ao apresentarmos o problema filosófico com o qual Herder se ocupava e em razão do qual surge o conceito de *forças orgânicas* e *substanciais*. Paralelo a isso, apresentaremos as críticas que Herder faz nas duas resenhas ao método de investigação da natureza proposto por Herder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PRINCIPAIS:

Bibliografia primária:

1. Johann Gottfried Herder. **Gott. Einige Gespräche.** In: Werke. Band 4. Johann Gottfried Herder Schriften zu Philosophie, Literatur, Kunst und Altertum 1774-1787. Hg. von Jürgen Brummack und Martin Bollacher. Deutscher klassiker Verlag: Frankfurt am Main, 1994, pp. 679-795.
2. _____. **Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit.** In: Werke. Band 6. Hg. von Jürgen Brummack und Martin Bollacher. Deutscher klassiker Verlag: Frankfurt am Main, 1994.
3. J. T. Klein. **Kant e a primeira resenha a Herder: comentário, tradução e notas.** In: Studia Kantiana 13, pp. 121-147, 2012;
4. _____. **Kant e a segunda resenha a Herder: comentário, tradução e notas.** In: Studia Kantiana 14: pp. 190-214, 2013

Bibliografia secundária:

1. Dieter Hüning; Gideon Stiening; Violetta Stolz (Hg.). **Herder und die klassische deutsche Philosophie**. Festschrift für Marion Heinz. Frommann Holzboog: Stuttgart-Bad Cannstatt, 2016.
2. Frederick C. Beiser. **The Fate of Reason: German Philosophy from Kant to Fichte**. Harvard University Press: Cambridge, Massachussets e Londres, 1987.
3. Gerhard Sauder (Hg.). **Johann Gottfried Herder (1744-1803). Studien zum achtzehnten Jahrhundert**. Felix Meiner Verlag: Hamburg, 1987.
4. Marion Heinz (Hg.). **Herder und die Philosophie des deutschen Idealismus**. Hg. v. Marion Heinz. Editions Rodopi B. V.: Amsterdam, Atlanta, 1997.
5. Cornelia Ortlieb; Friedrich Vollhardt (Hg.). **Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819): Romancier - Philosoph - Politiker**. De Gruyter: Berlin/Boston, 2021, pp. 191-206.
6. Birgit Sandkaulen; Walter Jaeschke (Hg.). **Friedrich Heinrich Jacobi – Ein Wendepunkt der geistigen Bildung der Zeit**. Hamburg 2004, 75–87.
7. Lewis White Beck. **Chapter XV: The Counter-Enlightenment**. In: Early German Philosophy. Harvard University Press: Cambridge/Massachusetts, 1969.
8. Martin Käßler; Volker Leppin (Hg.). **Johann Gottfried Herder. Aspekte seines Lebenswerkes**. Walter de Gruyter: Berlin, New York, 2005, S. 271-292.
9. I. C. Fragelli FRAGELLI, I. C. **Sobre as Resenhas de Kant às Ideias para uma filosofia da história da humanidade, de Herder**. In: Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, n. 21, p. 47–60, 2013.
10. _____. **Explicar ou interpretar? Kant e Herder, entre a filosofia e a ciência**. In: Revista Dois Pontos , v. 12, n. 2, 2015, pp. 67-78.
11. _____. **Kant e o discurso teórico das ciências da vida**. In: M. Hulshof, and U. R. A. Marques, eds. A Linguagem em Kant, a linguagem de Kant [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018, pp. 101-108.
12. _____. **A linguagem e as formas da natureza: breve estudo da noção de força na filosofia e nas ciências do século XVIII**. In: Revista DoisPontos, v. 15, n. 1, pp. 143-159, 2018.
13. _____. **Da história natural à história da natureza: Kant e o transformismo**. In: Estudos Kantianos, v. 10, n. 2, p. 69, 2023.
14. _____. **A fisiologia e seu discurso**. In: Revista Discurso, São Paulo, Brasil, v. 47, n. 2, p. 59–73, 2017.
15. Oliver Tolle. **Herder e a metafísica**. In: Revista Discurso, v. 1, n. 42, p. 97–116, 2013.